



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos da confirmação e aprovação do Tratado de Tordesilhas - 500 anos da descoberta do Rio São Francisco - 470 anos da morte de Santo Ignácio de Loyola - 410 anos da fundação do Forte do Presépio, futura Belém - 400 anos da travessia do Rio Uruguai pelo padre Roque Gonzalez de Santa Cruz - 350 anos da instalação do Bispado do Rio de Janeiro - 350 anos do início da fundação de Laguna, hoje SC - 330 anos da fundação da Escola de Artilharia e Arquitetura Militar em Salvador - 300 anos da fundação da Ilha do Desterro, hoje Florianópolis e de Fortaleza, CE - 250 anos da retomada da Vila de Rio Grande aos espanhóis - 230 anos do 2º Tratado de Santo Ildefonso - 220 anos do Bloqueio Continental imposto por Napoleão - 210 anos da Campanha da Cisplatina - 200 anos do falecimento da Imperatriz Dona Leopoldina - 190 anos da Proclamação da República Riograndense - 170 anos da mudança de nome da cidade de Barra do Rio Negro para Manaus - 160 anos da invasão do Paraguai pela Tríplice Aliança, Batalha de Tuiuti e morte de Antônio de Sampaio - 140 anos de falecimento de Mallet - 120 anos da reformulação das FA e da regulamentação do Serviço Militar Obrigatório - 110 anos do final da Guerra do Contestado - 80 anos da Primeira Assembleia Geral da ONU.

2026

Janeiro

Nº 496

Quando a Liberdade Desembarca sob Fogo Cruzado

O Dia D como Ele Foi: Grandeza e Tragédia

Acabiei de fechar o livro “O Dia D – A Batalha Que Salvou a Europa”, de Antony Beevor, com a sensação incômoda de quem termina uma grande epopeia, mas não consegue comemorá-la sem reservas. Há encanto, sem dúvida, na saga dos libertadores que atravessaram o Canal da Mancha rumo à Europa ocupada. Mas há também um desconforto persistente, provocado pela brutalidade da guerra, que o autor expõe sem atenuantes, sem heroísmo confortável, sem a distância segura das narrativas glorificadoras.

O livro tem quase 600 páginas, o que, à primeira vista, poderia intimidar o leitor apressado. Essa impressão, contudo, desaparece rapidamente. Há algo na escrita de Beevor que torna difícil interromper a leitura. Cada capítulo abre uma nova frente humana da guerra: uma história individual, um episódio concreto, um detalhe aparentemente menor que, de repente, ganha densidade dramática. A narrativa é tão vívida que as cenas se formam na mente do leitor quase como sequências cinematográficas, especialmente para quem já assistiu a *O Resgate do Soldado Ryan* ou a documentários clássicos da BBC sobre a Segunda Guerra Mundial. Não é raro imaginar o desembarque em Omaha com a mesma crueza visual do filme de



Spielberg ou reconhecer, nas descrições minuciosas, a cadência documental das séries britânicas. Quando se percebe, já se avançou dezenas de páginas, movido menos por uma cronologia rígida e mais pela curiosidade quase irresistível de saber o que aconteceu com aqueles homens lançados ao acaso da História.

Beevor conduz o leitor ao Dia D muito antes de o primeiro soldado tocar a areia da Normandia. As horas que antecedem o desembarque são descritas como um purgatório psicológico. Em navios superlotados, jovens — muitos em sua primeira experiência fora de casa — enfrentam o enjoo, o medo e a consciência aguda da própria mortalidade. Alguns rezam; outros escrevem cartas de despedida que talvez jamais sejam lidas. O silêncio pesado da madrugada é, por si só, um prenúncio de tragédia.

A guerra começa, efetivamente, ainda na noite anterior, com o lançamento dos paraquedistas aliados. Planejada para garantir pontes, estradas e desorganizar as defesas alemãs, a operação rapidamente se converte em um retrato do caos. Ventos fortes, nuvens baixas e fogo antiaéreo espalham tropas por quilômetros além das zonas previstas. Beevor narra histórias de soldados que aterrissam sozinhos em pântanos, outros que se afogam presos ao próprio equipamento, e alguns que descem diretamente sobre posições inimigas, sendo mortos antes mesmo de compreender onde estavam.

Há episódios quase absurdos. Pequenos grupos isolados passam horas escondidos em cercas vivas, ouvindo patrulhas alemãs passarem a poucos metros. Outros, sem qualquer noção do quadro geral, decidem agir por iniciativa própria: explodem pontes secundárias, cortam fios telefônicos, criam focos de confusão. O plano falha em termos táticos, mas funciona psicologicamente. A desordem é tamanha que os alemães superestimam a dimensão do ataque, retardando respostas decisivas.

Quando o dia clareia e as embarcações se aproximam das praias, qualquer ilusão épica se desfaz. Em Omaha, sobretudo, o desembarque é um desastre. Bombardeios aliados falham, obstáculos permanecem intactos, tropas desembarcam fora das áreas previstas. Oficiais morrem nos primeiros minutos, cadeias de comando se rompem, soldados ficam paralisados atrás de pequenas elevações de areia que oferecem proteção precária. Muitos avançam não por bravura consciente, mas porque permanecer imóvel significa morrer.

Entre os episódios mais impressionantes narrados por Beevor está a escalada de ***Pointe du Hoc***, onde rangers americanos tentam subir falésias quase verticais, sob fogo inimigo, com cordas encharcadas e escadas improvisadas. Muitos caem antes de chegar ao topo; outros alcançam posições que deveriam conter canhões já deslocados. Mesmo assim, prosseguem, caçando artilharia inexistente e enfrentando contra-ataques alemães em isolamento quase total. É um símbolo perfeito da guerra descrita no livro: coragem extrema, sacrifício real e resultados incertos.

Beevor acompanha ainda o avanço lento e penoso pelo interior da Normandia, travado pelas cercas vivas, pelas emboscadas alemãs e pelo esgotamento físico e mental das tropas. Cada vila conquistada custa caro. Paralelamente, emerge o drama dos civis franceses, presos entre dois fogos. Bombardeios aliados arrasam cidades inteiras, matam milhares de inocentes e fazem da libertação um evento ambíguo, marcado pelo luto.

O autor não evita os temas mais incômodos: execuções sumárias, maus-tratos a prisioneiros, colapsos morais. Não relativiza o caráter libertador da operação, mas insiste em uma verdade desconfortável: *guerras travadas por causas justas continuam sendo guerras, e a guerra corrói limites éticos*.

Ao final da leitura, compreende-se que o Dia D só pode ser entendido a partir dessa tensão permanente entre grandeza e horror. A operação foi decisiva e necessária, mas também caótica e profundamente humana em suas falhas. A saga dos libertadores não se torna menor por isso, torna-se mais verdadeira.

Beevor não escreve para glorificar nem para absolver. Escreve para lembrar. E lembra o leitor de que a liberdade que desembarcou na Normandia não chegou envolta em discursos, mas em medo, sangue, im-

Amílcar Fagundes Freitas Macedo – Desembargador do TJMRS – 1º Ten R/2 de Artilharia.



Espada de Honra: General Osorio - O Legendário

Érico Storto Padilha²
Carlos Alexandre de Almeida Costa³

Pode-se dizer que foi sob a maestria de duas espadas gloriosas que repousou, por mais de meio século, a estabilidade da monarquia brasileira. A do legendário Osorio e a do imortal Caxias.

³ Historiador Militar – Membro do IGHMB e pesquisador associado ao CEPHiMEX. (Instituto de Geografia e História Militar Brasileira e Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército). E-mail: Carloscosta1796@gmail.com

Despretensiosamente, abordaremos, aqui, parte da Fé de Ofício daquele que, meritariamente, conquistou o epíteto dado por Gustavo Barroso de “Centauro dos Pampas” e que tantos préstimos à Pátria desprende.

E a indelével trajetória militar do ínclito cavalariano Manuel Luis Osorio (1808-1879) começa em maio de 1823 quando, beneficiado por uma licença especial concedida pelo General Lecór, com quinze anos incompletos, senta praça na Legião de Cavalaria da província de São Paulo para combater os lusitanos na Cisplatina. A 13 de maio de 1824 jurava o efebo a Constituição Política do Império do Brasil, da qual seria, até o dia de sua morte, fiel guardião. Em 13 de outubro era reconhecido como Cadete de 1ª classe e, por decreto de 1º de dezembro do mesmo ano, promovido a Alferes no 3º Regimento de Cavalaria de 1ª Linha.

Em outubro de 1827, dia 12, é promovido a Tenente no 5º Regimento de Cavalaria. Unidade esta que, no ano seguinte, após o término da guerra no Prata, foi realocada em Bagé. Naquela altura, com aproximadamente vinte anos de idade, o jovem Tenente Osorio já computava cinco anos de praça efetiva com três anos servindo em campanha.

De Bagé foi designado para a guarnição de Rio Pardo. Entre março de 1829 e agosto de 1831, foi destacado duas vezes para guarnecer a fronteira, e, como todo soldado, não poderia ser diferente. Vitimado por motivos alheios à sua conduta militar, foi recolhido preso em 08 de janeiro de 1832, sem culpa formada. Permaneceu até meados de dezembro quando, então, foi solto. Filiou-se ao grupo dos liberais moderados, organizados em torno de uma entidade política denominada “Defensora da Independência”, cujo lema era “trabalhar para que a Revolução Gloriosa, de 7 de abril de 1831 (data da abdicação de D. Pedro I), não se perdesse nos abismos da dissolução social”.

Ainda no conturbado período regencial, irrompida a Revolução Farroupilha, teve o jovem Osorio novamente destacado papel em inúmeros combates. Dentre eles, o aprisionamento do comandante da vanguarda rebelde Coronel Affonso de Almeida Côrte Real.

Em 21 de novembro de 1836, foi nomeado, em comissão, Major da 3ª Brigada de Cavalaria e, no ano seguinte, após furar o cerco imposto pelos rebeldes ao reduto das tropas legais estacionadas em Caçapava (hoje Caçapava do Sul), recebe do Vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, Américo Cabral de Mello, o posto de Major comissionado da Legião e comandante da Cavalaria em Porto Alegre, em 1º de maio de 1837.

Em 22 de abril, sob ordem do Cel Silva Tavares, assume o cargo de Major da 1ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional. A 3 de maio, trava combate nas proximidades do povoamento do Herval, o que lhe rende a promoção ao posto de Capitão em 20 de agosto de 1838.

Em dezembro de 1839, somando dezesseis anos de serviços, dos quais mais de nove em campanha assume, como Capitão, a 3ª Companhia do 2º Regimento de Cavalaria.

Por ordem do dia de 17 de abril de 1841, deixa o cargo de Major de Brigada para assumir, também comissionado, o de Deputado do Ajudante-General junto ao Comando da 2ª Divisão.

Em 25 de maio do mesmo ano, deixa o cargo comissionado e passa a servir sob as ordens imediatas do comandante em chefe do Exército, o General João Paulo dos Santos Barreto. No ano seguinte, em 1842, por decreto de 27 de maio, é promovido a Major do 2º Regimento de Cavalaria (naquela altura, contando com antiguidade de 18 de julho do ano anterior).

Por Carta Imperial de 13 de julho, é agraciado cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro pelos relevantes serviços militares prestados a Pátria na província do Rio Grande do Sul.

A 15 de dezembro de 1843, assume o Comando interino do 2º Regimento de Cavalaria. Em 5 de junho, é nomeado cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis e, em 23 de julho de 1844, é promovido a Tenente-Coronel. O protagonismo e a fama do jovem cavalariano no Sul do Brasil extrapolaram a esfera militar rendendo-lhe, em 1845, finda a revolução Farroupilha, capital político para eleger-se deputado provincial.

Em 1846, quando em diligência ao Rio Grande do Sul, em visita do Imperador D. Pedro II, coube ao Regimento de Osorio lhe fazer a escolta. Tamanho o rigor marcial dos cavalarianos

que a galhardia do piquete contemplava, por exemplo, a seleção de uma cavallhada composta somente por montarias brancas (pelagem tordilha).

Em 6 de outubro de 1846, por Carta Imperial, é agraciado com o Oficialato da Ordem da Rosa.

Por ordem do dia do Comando em Chefe do Exército Imperial, em 5 de fevereiro de 1852, após relevantes serviços prestados na campanha do Uruguai, Osorio foi louvado:

“por haver com a bravura, perícia e sangue frio que o caracterizam, carregado, à frente de seu regimento, sobre uma bateria inimiga, tomando-a, pondo em completa derrota os que a guarneciam”.

Por decretos de 3 e 7 de março do mesmo ano, foi promovido a Coronel Comandante do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira “por merecimento mais uma vez comprovado no campo de batalha”, é condecorado como Dignitário da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos serviços prestados nas campanhas do Uruguai e Buenos Aires.

Ainda no mesmo mês, por decreto do dia 14, foi condecorado com a Medalha de Ouro juntamente com os oficiais superiores que tomaram parte na Batalha de Moron.

Por ordem do dia de 12 de abril, passou a exercer o comando da 6ª Brigada de Cavalaria.

Por decreto do dia 2 de dezembro de 1856, Osorio é graduado brigadeiro e passa a comandar as tropas na região da fronteira de São Borja.

E é no comando dessa guarnição fronteiriça que recebe a missão de descobrir a localização dos “Campos das Vaccas Brancas”. Local que, segundo a tradição, teria abundância de gado crioulo e estaria na região das antigas Missões Jesuíticas brasileiras. Este feito merece especial atenção porque, embora não tenha encontrado raça alguma de gado naqueles rincões, um riquíssimo e precioso herval⁴ foi achado entre os rios Pindahy e Cumandahy. E essa descoberta será, futuramente, recompensada pelo imperador como mote, quando da outorga da primeira titulação honorífica que imortalizou o ínclito como “primeiro e único barão, visconde com grandeza e marquês do Herval”.

Em abril de 1858, Osorio passa a comandar uma força (equivalente a uma divisão) na região de Jaguarão e, por aviso do Ministério da Guerra de 25 de novembro do mesmo ano, é nomeado Inspetor do 2º Distrito da Arma de Cavalaria que compreendia a Corte e as províncias da Bahia e de Pernambuco.

Por decreto de 15 de junho de 1857, é promovido com efetividade no posto de Brigadeiro.

Em 1865, em detrimento de licença médica concedida ao Marechal João Propício Mena Barreto, Osorio é designado a assumir interinamente o Comando do Exército em operações no Estado Oriental (Uruguai).

Aquela altura, compunha o Exército Brasileiro estacionado no Uruguai, um efetivo de 13.181 homens dos Corpos de 1ª Linha, Guarda Nacional e voluntários, contabilizando 33 Corpos Especiais, 1.427 de Artilharia, 4.925 de Cavalaria e 6.796 de Infantaria.

Por Decreto Imperial de 18 de maio de 1865, o Brigadeiro Osorio é nomeado Comandante em Chefe do Exército Brasileiro em operações contra o Paraguai e, por outro decreto, de 8 de julho, elevado em comissão ao posto de Marechal de Campo.

Em 18 de maio de 1866, o Marechal é agraciado com o título de Barão do Herval, com honras de grandeza, para distingui-lo e honrá-lo em sua qualidade de Comandante em Chefe do Exército Imperial em operações contra a República do Paraguai. (Para tal, fora evocado o feito da contribuição econômica da descoberta do herval ocorrido dez anos antes).

Em 15 de julho de 1866, o Barão do Herval passa o Comando em Chefe do Exército para o Marechal de Campo Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão e, no dia 18 do mesmo mês, embarcava com destino ao Brasil para tratar de ferimentos de combate.

Em 20 de outubro de 1866, é nomeado Comandante do Corpo de Exército em operações na fronteira do Sul do Brasil. Em março de 1867, marcha novamente para Corrientes, Argentina.

⁴ Herval, hoje grafado sem o H, é uma mata em que predomina a “congonha” ou “erva-mate”; grande quantidade de pés de erva-mate existentes em uma região (Dic. Bras. Da Língua Portuguesa); plantação de erva-mate.

Em março de 1867, marcha novamente para Corrientes, Argentina.

Regressando (assim) ao teatro de guerra, por decreto de 1º de junho do mesmo ano o governo Imperial lhe concede a patente de Tenente-General.

Por decreto de 11 de abril de 1868, pelos serviços prestados na guerra contra o Paraguai, Osorio recebe o título de Visconde, com grandeza. E por decreto do dia 20 de junho, é nomeado Grã-cruz da Ordem Militar de São Bento de Avis.

Em 26 de dezembro de 1868, também lhe é concedida a Grã-cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro. Em Ordem do Dia de 14 de janeiro de 1869, expedida pelo General em Chefe Marquês de Caxias, são publicados eloquentes elogios diante das “provas irrecusáveis, da firme e inabalável dedicação que sempre manifestou ao serviço público e a minha pessoa”.

Em 20 de fevereiro de 1869, o General Visconde do Herval é condecorado com a Medalha de Mérito Militar (criada em 28 de março do ano anterior) por sua destemida participação nas batalhas que compuseram a “Dezembrada”.

Depois de retornar do Brasil, onde veio novamente tratar de diversas moléstias provocadas por ferimentos adquiridos em campanha, Osorio assume novamente o Comando do 1º Corpo do Exército no Paraguai. Em 29 de dezembro de 1869, é elevado a Marquês.

Em maio de 1870, recebe comunicação da Câmara dos Deputados da outorga de voto de louvor e gratidão, concedida por unanimidade, por “conquistar para a Pátria a glória imperecível contra o Paraguai”. A 20 de julho, é lhe conferida a Medalha de Ouro pela Campanha do Uruguai por sua atuação naquele Estado Oriental (criada pelo Decreto nº 3488, de 28 de junho de 1865).

Em 6 de agosto de 1871, no Campo do Bonfim, em Porto Alegre, o Marquês do Herval é presenteado pelo Exército com uma espada de honra. Em 24 de maio de 1872, recebe a Medalha Geral de Campanha, em ouro (criada pelo Decreto nº 4560 de 6 de agosto de 1870).

Finda a missão militar, Osorio que, àquela altura, já era popularmente reconhecido como o “intrépido dos intrépidos” e já havia se consagrado como “o legendário cabo de guerra”, coloca novamente seu nome à disposição da política e é nomeado, por Carta Imperial de 11 de janeiro de 1877 - Senador Vitalício do Império.

Em 27 de julho de 1877, foi lhe concedida a patente de marechal graduado do Exército e, em 5 de janeiro de 1878, assume a pasta de Ministro da Guerra, ocupando este cargo, juntamente com a presidência do Conselho de Ministros, até a data de seu falecimento, em 04 de outubro de 1879.

A Espada de Honra

Como a maioria dos soldados da Pátria, Osorio vivenciou batismos de ferro e fogo, fome e miséria, e experimentou situações de sítio e privações dentro de seu próprio território, ao longo de inúmeras missões no século XIX, da formação à defesa do Estado Nacional Brasileiro. Como já mencionado brevemente, o denodo, a exação, a intrepidez, a fidelidade com seus pares e o compromisso com a Pátria são algumas das qualidades que caracterizaram a carreira do Patrono da Cavalaria. Como um dos corolários dessa indelével e desmedida carreira, militar e política, coube ao próprio Exército, à época, ainda na efervescência do fim da guerra, o reconhecimento público de mérito por meio de uma prática simbólica milenar: a outorga de uma espada de honra! E é sobre ela que este ensaio se dedica.

Após lançada a ideia de se presentear o Marquês do Herval, tamanho foi o entusiasmo e acolhimento que, em pouco tempo, arrecadou-se o necessário para sua confecção: 20 contos de réis. A ideia da presenteação mobilizou não só a classe idealizadora - o Exército - como também inúmeros outros segmentos e setores da sociedade brasileira, especialmente a classe artística. Esta última, sensibilizada por diversas chamadas públicas, veiculadas em anúncios de jornais, apresentaram junto à comissão encarregada pela subscrição, presidida pelo coronel Deodoro da Fonseca, ideias e projetos para a fabricação do distinto troféu em concurso público.

Desenhada e inicialmente modelada em gesso pelo escultor italiano José Berna, conhecido à época como “o Marmorista da Casa Imperial”, a espada foi manufaturada durante quatro meses nas oficinas do ourives português radicado no Brasil Senhor Manoel Joaquim Valentim.

Segundo o escritor Mario Cruz, da Academia Petropolitana de Letras, estabelecido na Rua dos Ourives, nº 61, no Rio de Janeiro, Manoel Valentim que, àquela altura, já havia ganhado mais de uma dezena de prêmios por suas produções de ourivesaria, contou ainda com a ajuda do desenhista e escultor Nicolau Facchinetti, ligado à escola de Belas Artes, e de outros renomados pintores como Vitor Meireles e Pedro Américo.

Descrita como uma arma de concepção estética “ecclética, consoante ao gosto vitoriano”, a espada constitui uma verdadeira obra prima da ourivesaria brasileira. Peça digna de concorrer com as apresentadas na obra “O ouro no Brasil” de Pietro Maria Bardi.

Afastando quaisquer ilações sobre a influência de Osório sobre o ato corolário de sua carreira, o próprio General, em manifesto publicado em 20 de janeiro de 1871, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, deixa claro que é um engano supor que a iniciativa de oferecer a espada tenha partido dele próprio. E conclui a publicação dizendo, porém, que é com muito prazer que a aceitará.

E a afeição, o carinho e o respeito do Exército diante da bravura indômita do velho chefe podem ser notados nas palavras proferidas pelo Coronel Deodoro que, no dia da outorga, com a espada em mãos, diante de Osório e à frente de milhares de pessoas que tomavam o Campo da Várzea em Porto Alegre, proferiu:

“General. Os oficiais que no Exército Imperial tiveram a fortuna de servir sob suas ordens, na campanha contra o governo do Paraguai, reuniram-se por voto do mesmo Exército, para que vos fosse dado um duradouro sinal que patenteasse a amizade e a admiração condigna de vossas ações [...]. Tudo isso, General, deu lugar aos sentimentos de amizade e admiração consagrados por vossos comandados, e à honra e prazer de hoje entrega-vos esta oferta como prova do muito que vos querem: recebei-a, General, que é de coração”.

E Osório, ao receber garbosamente a oferta, apoderando-se da espada e segurando-a com as duas mãos, retribuiu:

“Sr. Coronel. Entre as honras com que me têm distinguido o governo do País, os governos aliados e os nossos compatriotas, pelos serviços que prestei à pátria, à Aliança e à liberdade, na América, nenhuma é mais sensível ao meu coração do que esta que hoje confere por vosso intermédio o valente Exército que tive a sorte de comandar [...]. É por isso que me acho em extremo penhorado pelo quinhão com que generosamente me brinda o vitorioso Exército Brasileiro na partilha das glórias que conquistou em tão dura guerra, e peço-lhe, senhor coronel, que como um dos heróis que fostes desta guerra, aceiteis, para transmitir a nossos camaradas, a manifestação de profunda gratidão que voto ao heroico Exército vingador das injúrias à Pátria, e os sentimentos que me inspiram o seu valor, o seu devotamento e incomparável abnegação”.

A beleza da peça, que provocou emoção no velho General, por meses, também esteve em destaque, com igual desassossego, em diversos periódicos.

Citando a redação do O Guarany, de janeiro de 1871, sobre a confecção da espada de honra para o ínclito Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, temos que “poucas vezes se há visto uma espada de honra tão bem merecida, mas também poucas vezes se tem visto um trabalho tão completo e de tão apurado gosto”. Ainda, a arma é “digna, por certo, do invicto e denodado guerreiro que nos campos do Paraguai deu de si as mais sobejas provas de bravura e patriotismo”.

O agradecimento se inseriu no cronograma dos festejos organizados para galardoar o General e contou com o apoio de inúmeras comissões que haviam angariado, segundo a imprensa da época, sete contos de réis até meados de julho de 1871.

É também segundo reportagens de época que constatamos que, embora vitimados pelo mal-estar da guerra e pela crise econômica, a considerável soma angariada refletia o apreço que o povo nutria pelo ilustre militar antes mesmo de seu regresso definitivo para o Brasil.

Expressões como “solver dívida de gratidão” e “não esqueçamos, passado o momento de perigo [da guerra], da mão hábil e patriótica que nos trouxe a paz” foram muito comuns nos jornais da época. Diante desse prestígio e expectativa, a comissão organizadora divulgava, com frequência, em diversos periódicos, o cronograma dos festejos, e, baseado nelas, podemos, resumidamente, dividir a celebração em onze atos/etapas: - Partida do Rio de Janeiro para Pelotas da comissão composta por três brasileiros e dois residentes estrangeiros das colônias mais populosas, encarregada em acompanhar Osorio durante o ato até Porto Alegre; - Do Rio de Janeiro partiriam, também, todos os vapores que se achassem no porto. A bordo de cada um, uma banda de música que, em dispositivo em forma de arco, receberiam a embarcação de Osorio; - Ao encontrarem o vapor que traria o General (já na Lagoa dos Patos), os vapores deveriam entrar em formação de linha, deixando a embarcação do convidado ao centro; - Ao fundear o vapor do General, seriam dadas salvas de artilharia que deveriam ser seguidas pelas demais embarcações; - O homenageado desembarcaria no Arsenal da Marinha e seguiria pela rua dos Andradas precedido por um piquete de cavalaria e seguido por bandas e pelo povo; - Os moradores das casas deveriam enfeitar as janelas com juncas de flores e folhagens, donde lançariam flores sobre cortejo do General; - Ao chegar à sua residência, Osorio se recolheria; - O povo então deveria também se retirar para, posteriormente, retornar à noite para “victoriar” o General, ocasião na qual lhe seria apresentada as comissões e prestaram cumprimentos; - No alto da rua dos Andradas seria colocado luz elétrica, de forma que os moradores daquela rua seriam convidados a iluminar as frentes das casas; - No campo da Várzea, seria entregue a espada de honra, ofertada pelo Exército em um pavilhão especialmente montado, seguido de uma simulação de combate; - Para muito além de um presente conferido em celebração cívica, a arma acompanhou o legendário General cavalariano, como um troféu, em muitas de suas atividades públicas após obter autorização do Ministro da Guerra para poder cingi-la; e - Dentre as vezes que a literatura o registrou com ela, citamos a visita de Osorio à Corte para uma conferência com o Imperador e a assunção ao Senado.

O último registro da espada junto ao Centauro que se tem notícia foi no fatídico funeral da manhã de 10 de outubro de 1879. Em cerimônia fúnebre realizada na igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo (Sé) em sufrágio à alma do General, ao centro, sobre um estrado de três degraus forrados de veludo preto e galões de ouro, onde fora colocado o caixão do mártir, repousava a espada e a coroa de marquês. Em torno do cadafalso, a velar a lenda, reuniram-se Voluntários da Pátria e militares que serviram no Paraguai sob o comando do venerando, representantes da imprensa, os membros da Câmara Municipal, alunas e diretoras dos Colégios Santa Isabel e S. Salvador, funcionários públicos e uma quantidade imensa de súditos que choravam a perda do velho combatente.

Descrição da Arma - Punho

O cabo do sabre de honra de Osorio é de ouro e mede 17 cm de comprimento. Apresenta como capacete do cabo uma cabeça de leão, elemento simbolicamente adotado como expressão de bravura em nossa armaria, desde meados da primeira década do século XIX, cujos olhos são representados por dois rubis de cabochão. Da boca do animal pende suspensa uma argola destinada à fixação do fiador. (Este, fabricado com corrente de ouro e borla de brocado de franja, com dez canutilhos de prata dourada). Todo o conjunto é adornado com volutas, folhagens em relevo e granitados; na frente, (abaixo da cabeça do leão, onde se fixam os dedos)

uma placa elíptica esmaltada de verde, medindo 5 cm de altura x 28 cm de largura, com a inscrição em caracteres de ouro, em cinco linhas em pala, sendo a segunda e a quinta em arco, e as demais horizontais. A placa é circundada por quarenta brilhantes e está entre duas estrelas de cinco pontas, de platina, aplicada sobre esplendores de ouro. Uma acima e outra abaixo da placa elíptica conforme representação gráfica acima.

A Cruzeta

Medindo 14 cm de comprimento, a cruzeta em formato “S” assemelha-se ao formato dos sabres de General do Império (aprovadas pelo Plano de Uniformes de 1852). Porém, diferencia-se pelo cravejamento de brilhantes: são vinte pedras distribuídas ao longo da peça. Destacam-se nela os dois maiores aplicados nas extremidades. Em toda a extensão da parte superior, inferior e traseira da cruzeta (ou seja, a parte que fica junto ao corpo, quando cingida), um cinzelado de ramos de louro. E nas duas extremidades traseiras da cruzeta, de costas com os dois maiores brilhantes, duas estrelas de platina. No centro frontal da cruzeta, cravejado por uma cercadura de quarenta e cinco brilhantes, uma placa elíptica, esmaltada, curvilínea, medindo 33 cm de largura x 13 cm de altura. Nela, há uma representação de combate com Osório ao centro da refrega. Na mesma altura, na face traseira da cruzeta, uma placa elíptica, esmaltada de azul, circundada por uma cercadura de ouro, semelhante à da placa frontal. Nela, veem-se caracteres grafados a ouro “CAMPANHA DO PARAGUAY”. Ao longo de toda a cruzeta, enrolado, um animal mitológico que se assemelha a um dragão, com os olhos representados também por dois rubis de cabochão (assim como os do leão). Considerando a espada embainhada e cingida ao corpo, com o torso apoiado sobre a parte dianteira da cruzeta, o animal segura o brilhante maior com uma das patas. A forma como foi disposto permite interpretar que o animal protege as extremidades laterais da arma do ínclito. Sobre os brilhantes, conforme laudo de avaliação encomendado pelo Museu Histórico Nacional à Caixa Econômica Federal, em 13 de março de 1963, temos a monta de 109 peças com peso aproximado de 18,5 quilates, distribuídos da seguinte forma: dois brilhantes de quatro quilates; oito brilhantes de quatro quilates e cinquenta pontos; quinze brilhantes de cinco quilates; quarenta e quatro brilhantes de um quilate e oitenta pontos; e quarenta brilhantes de três quilates e vinte pontos;

Bainha

Medindo 86 cm de comprimento, e constituída por uma chapa de ouro liso e polida, a bainha pode ser dividida em três seções. A primeira, que inicia no bocal e vai até a primeira braçadeira da argola de suspensão. A segunda, que abrange a parte entre as duas braçadeiras das argolas de suspensão. Ambas, assim como o bocal, decoradas com folhas de carvalho. E a terceira, a maior delas, da segunda braçadeira da argola de suspensão até a extremidade da ponteira. Na primeira seção, o Brasão de Armas do Marquês do Herval. Escudo francês com chefe em azul (bleu) e campo em vermelho (goles). No chefe, três estrelas de cinco pontas de prata. Em abismo, no campo do escudo, em ouro, um leão leopardado batalhante, empunhando uma espada. O escudo é ornamentado pelo lambrequim e seus paquifes e encimado por uma coroa de marquês. Na segunda seção, rodeado por ramos de carvalho e louro, a representação feminina mitológica da Fama⁵, a portadora das boas novas, dentro de uma elipse com borla cinzelada a imitar diamantes. A divindade aqui representada aponta a trombeta para o bocal, artisticamente anunciando o saque da lâmina, a proeminência de uma nova missão. Ainda nessa seção, um listel corre na diagonal, da esquerda para a direita, com a inscrição em relevo “AVAHY”.

⁵ **Fama:** figura mitológica angelical, soando com a destra uma trombeta “anunciando” o prelúdio do saque da lâmina diante de uma nova missão.

“Na terceira seção da bainha, entremeado por folhas de acanto e um ramo de louro, símbolo da glória militar, uma reserva elíptica moldurada de ornatos cinzelados a modo de diamantes, com troféu militar, aplicado, em cujo centro figura uma cabeça de leão irradiante, símbolo da nobreza e da coragem, dentro de um oval. A reserva é ornada com os mesmos elementos da composição central da segunda seção”.

Acima e abaixo da referida reserva, dois listéis atravessados em contrabanda (ou seja, em diagonal, da esquerda para a direita). O primeiro com a inscrição em relevo “HUMAITÁ”, e o segundo, com os dizeres “TUYUTY”.

Como há diferenças entre o grifo e o dragão, identificamos essa figura como sendo a de um dragão. O grifo é alado, rompante (patas levantadas, asas abertas), com quatro patas, enquanto o dragão, também alado, apresenta-se apenas com duas patas dianteiras e tem sua calda em forma de lança ou serpe. Essa figura heráldica tem significação especial para o Brasil, pois, desde D. João I, é timbre da Casa Real Portuguesa pelo casamento daquele monarca com Dona Felipa de Lencastre, princesa inglesa que trazia em suas Armas essa figura.

Deste então, tem sido o dragão de Lencastre dado por alguns como de Bragança (inexistente) e passou ao Brasil como figura principal da Imperial Ordem de Pedro I, logo após a Independência.

Abaixo, há, também, em meio a um ramo de carvalho e folhas de acanto, uma segunda reserva elíptica moldurada e ornamentada com cinzelados a modo de diamantes das demais, mas com um troféu militar, em cujo centro, em forma de esplendor, figura uma águia de asas espalmadas sobre lanças, bandeiras e espadas raiadas.

Abaixo da mencionada reserva, correndo no mesmo sentido e posição, um último listel atravessa folhas de acanto com os dizeres “PASSO DA PÁTRIA”, também em relevo.

Por fim, na extremidade da bainha, transmitindo subliminarmente uma ideia de corolário, vislumbra-se a figura da Vitória. Ereta com os pés sobre um orbe (de platina), cintado por duas tiras de ouro, a deusa aponta para uma estrela com a sinistra, enquanto cinge uma coroa de louros com a destra.

Lâmina

A lâmina é semelhante e segue o padrão da maioria das dos sabres empregados no Brasil até meados de 1870. Modelo ligeiramente curvo, de aço, com dorso cilíndrico, ricasso curto; uma típica lâmina de combate. Não há nela quaisquer elementos que permitam identificar procedência, fabricante ou fornecedor. Tampouco, há quaisquer decorações artísticas (adornos) ou sofisticções (no material empregado no processo de forja) que permita vinculá-la ao General ou mesmo ao IIº Reinado do Império Brasileiro. Não obstante, a concepção da suntuosidade do conjunto, - corolário máximo das glórias de Osório - traz consigo, velada pela bainha, a infalibilidade de uma verdadeira lâmina de arma de guerra. Esse arranjo expresso no contraste luxo versus simplicidade permite, inclusive, constatar a propositalidade poética na elaboração do conjunto. A ausência de carga decorativa na lâmina por si só já é atributo que a caracteriza simbolicamente. Ela evoca e concilia, num mesmo objeto, as privações da vida modesta em campanha, do bravo Cabo de Guerra, com a dos louros colhidos pelas vitórias no pós-campanha. Não será surpresa se, no futuro, vierem à tona fontes que permitam atestar, por exemplo, que a lâmina utilizada na confecção da espada de honra tenha sido extraída de uma das espadas utilizadas pelo generalíssimo no Paraguai.

Cinto

De brocado de prata dourada, de couro forrado com veludo vermelho, apresenta duas chapas elípticas, ovóides, de ouro, cada uma com uma coroa imperial do mesmo material com fundo (barrete) esmaltado de verde; circundadas por coroa de louros, estão entrelaçadas com quatro fitas em formato “X” cada uma. Toda essa moldura está cercada por um aro

liso com folhagens, das quais pendem as guias (talins) que suspendem a espada, pelas argolas, na posição quase horizontal. A fivela do cinto apresenta as armas imperiais (o Pequeno Brasão de Armas) sobre uma placa circular também de ouro, circundadas por dois ramos de louros atados pelas extremidades inferiores por um laço. Todo o conjunto é envolto por uma cercadura cravejada com 48 brilhantes. Na outra extremidade, o fecho da fivela: cinzelado com folhagem tem, também aplicado, uma coroa imperial, com barrete esmaltado verde.

Em cada uma das guias (talins), seguindo o mesmo padrão decorativo da fivela e das duas chapas que interligam o correame, existem passadores (mosquetões) que regulam o comprimento da guia. Por fim, preso à argola da primeira placa que encima a guia menor, um gancho em forma de serpente escamada. Nele, cingia-se a arma junto ao corpo, suspensa pela primeira argola da bainha, deixando a arma em posição quase paralela à perna. Ao centro, em destaque, o Brasão Heráldico do Marquês do Herval. Bocal e presilha da argola superior profusamente cinzeladas. Observa-se que o Brasão d'Armas está cercado, em destaque, por folhagens de louro e carvalho, símbolos da glória e do generalato.

Esplendor com troféus de guerra: Águia espalmada sobreposta às flâmulas, bandeiras, espadas e lanças. O mesmo recurso decorativo é o que se verifica na reserva elíptica acima onde aparece no local da águia a figura de um leão. Esse último na Heráldica representa a bravura natural e a justiça e nobreza humana. Vitória: o triunfo representado por divindade feminina sobre um orbe. A extremidade da ponteira da bainha é arrematada com a figura de um animal mitológico que se assemelha a um dragão. Ficha técnica da espada: Tamanho do sabre embainhado: 1,01 m; Comprimento da lâmina: 0,84 cm; Peso total: 1,920 g; Ficha técnica do cinto: Tamanho: 1,11 m; Talim/Guia maior: 0,71 cm; Talim/Guia menor: 0,35 cm.

Notas do Editor: 1) O Sabre de Honra de Osorio está, atualmente, exposto no Museu Histórico do Exército, localizado no Forte Copacabana, Rio de Janeiro. 2) Osorio falece em 4 de outubro de 1879, em sua casa na Rua Riachuelo, 117 (hoje numeral 303), antiga rua Mata-cavalos, no centro do Rio de Janeiro, em decorrência de pneumonia gangrenosa. Autorizado pelo filho, Dr. Fernando Luís Osório, o corpo foi embalsamado no dia 5 pelo médico Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz e, no dia seguinte, dia 6, às 10h00, o corpo seguiu para a igreja de Santa Cruz dos Militares. Após o ofício fúnebre e prestadas as honras militares, o ataúde partiu para a capela do Arsenal de Guerra da Corte. Segundo o periódico "Gazeta de Notícias", em edição do dia 7 de outubro de 1879, no cortejo fúnebre em que seguiu o ataúde do general – transportado pelo coche Imperial cedido por D. Pedro II – a ausência de dois elementos comuns das honras fúnebres de Generais chamou a atenção: "Provocou reparo não se ver após o féretro, como é de costume nos enterros dos generaes, o cavallo de batalha e a invicta espada do finado". O mesmo jornal justifica a ausência da espada dizendo que "Nos momentos de angústia, porém nem tudo ocorre, e a falta d'essa formalidade, por certo não fez esquecer a um só que era o corpo de um bravo que ali ia".

Agradecimentos: Cel Carlos Naccer, do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx); Cel Castro Alves da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx); Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana (MHEX/FC); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; Professor Adilson Cesar, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Fontes:

A reforma: Órgão Democrático (RJ). Edição de 17 de janeiro de 1871. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=226440&pesq=%22espada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=1986>

BARROSO, Gustavo. OSORIO, O CENTAURO DOS PAMPAS. Ed. Guanabara, 1932. Disponível em: <https://archive.org/details/Osrio0Centaur0DosPampasGustavoBarroso/page/n27/mode/2up>.

CRUZ, Mário. O SABRE DE HONRA DE OSÓRIO, 1966. Petrópolis RJ.

Diário de São Paulo. Edição de 12 de setembro de 1871, pág. 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709557&pesq=%22esdpada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=6914>

Diário do Rio de Janeiro, 1871. Edição de 20 de janeiro de 1871. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22es-pada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=26842

Jornal de Sergipe. Edição nº 104 de 24 de outubro de 1879, especial "O General Osorio" pág. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=228010&pagfis=337&url=http://memoria.bn.br/docreader#>

Jornal do Commercio (RJ). Edição de 20 de janeiro de 1871. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_06&pesq=%22es-pada%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=1930 - Rio de Janeiro, Ano XIV, Nº 32, novembro de 2022.

Monitor Campista. Edição de 11 de outubro de 1879, pág. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030740&pesq=%22es-pada%20de%20honra%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br&pagfis=4580>

O Guarany: Folha Illustrada Literária, Artística, Noticiosa e Crítica. Rio de Janeiro, Edição de 29 de janeiro de 1871. Número 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=748390&pagfis=22>

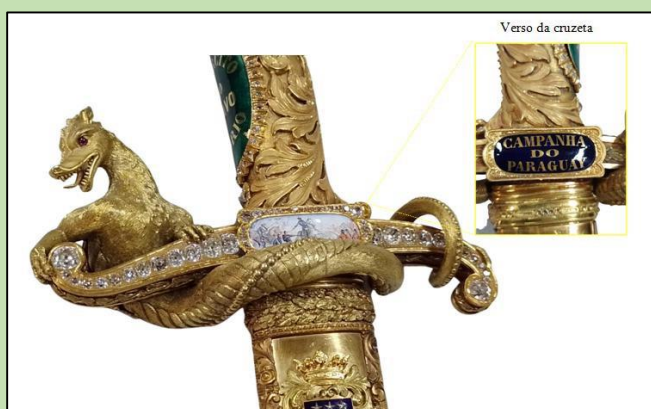
SILVA, Pretextato Maciel da. Os generaes do Exército brasileiro de 1822 a 1889: Traços Biographicos. Vol.1. Ed M. Orosco, 1906.

Iconografia: Imagens cedidas pelo Museu Histórico do Exército/Forte de Copacabana, capturadas e editadas pelos autores.

Iconografia



Imagens da placa elíptica



Ao lado, a Cruzeta.



Ao lado, primeira secção da bainha. Abaixo, segunda secção da bainha.



Ao lado, visão de conjunto da espada e da sua bainha.



Ao lado, extremidade da bainha.

Nota: mais imagens sobre a Espada de Honra de Osorio estão disponíveis no artigo original.

A GLORIOSA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (III)

Antes de retomar a série de textos acerca da FEB, desejo externar os meus dolorosos sentimentos pela morte do grande amigo, general César Augusto Nicodemus Souza, no mês de outubro de 2025. Uma enorme perda para o Exército e para o Brasil. A propósito, nas horas de lazer, este velho e octogenário "centurião", assiste aos desfiles de Sete de Setembro, em especial os das tropas da Força Terrestre; e muito me impressionou o Colégio Militar de Curitiba, pelo garbo, precisão de movimentos, uniformes etc. E lá estava o carneirinho "Nicodemus", na relembração do inesquecível general César Nicodemus. "Requiescat in Pace", inolvidável militar e patriota!!

A História, como é consabido, não se repete. Entretanto, como assinalam historiadores de tomo, há circunstâncias muito semelhantes que reaparecem na existência de cada povo, consoante as velhas teorias do "pendulum historiae" (pêndulo da História) ou "horologium historiae" (relógio da História). Como uma senoide, as Nações atingem ao apogeu de sua evolução histórica e muitas vezes por negligência de seus próprios filhos, sofrem, prematuramente, o seu perigo. Já dizia o historiador Gustavo Barroso: "Aqueles países que não escutam as badaladas sonoras de sua História, por seus feitos gloriosos, esquecendo-os, choram, amargamente, ao ouvir o triste dobre dos sinos"... Graças ao bom Deus, tais vaticínios, não nos alcançaram.

No ano de 2025, comemoramos as "Bodas de Carvalho" ou "Bodas de Nogueira" (são os jubileus dos 80 anos) da Força Expedicionária Brasileira. Como lá atrás comentado, muito já se escreveu sobre a FEB. Trabalhos leves, mais superficiais e triviais (porém, muito importantes como nos prelecionam a "História Nova" ou "História das Mentalidades", posto que a micro-história faz a tessitura da macro-história), e também outros de maior profundidade e abrangência, mais consentâneos com as análises técnico-militares.

A 1ª DIE operou, no Velho Continente, junto a muito bem preparadas Divisões, como a 10ª Divisão de Montanha, do V Exército dos EEUU. Era uma Divisão famosíssima, de fortes e gigantescos 'super-homens', de mais de 1,80 m de altura, adestrada nas Montanhas Rochosas. E o Estudo Comparativo da FEB, como o procedido pelo general Carlos de Meira Mattos, teria de se fazer com uma outra Divisão, das tantas do Teatro de Operações. E segundo ábacos de avaliação, o trabalho do dito general concluiu que a nossa Divisão se saiu airoosamente, eis a verdade, merecendo os melhores encômios de várias autoridades do Exército americano e que aqui seria despiciendo repetir.

Acabo de receber dois fantásticos e robustos livros, a mim ofertados pelo Ministro do STM, Dr. Péricles Aurélio Lima de Queiroz, presidente da Comissão de Memória da mencionada Corte, que os escreveu e organizou junto com a Dra. Maria Juveni Lima Borges, com base em documentos raríssimos, alguns inéditos, do Arquivo do Tribunal.

Os títulos: "A Justiça Militar Brasileira na Guerra da Tríplice Aliança - 1864-1870" (lançado em Buenos Aires, entre 18 e 21 de novembro de 2025, no XVI Encontro Internacional de História sobre Operações Bélicas na Guerra da Tríplice Aliança); e "A Justiça Militar na

Força Expedicionária Brasileira - FEB: 1944-1945 - 80 Anos da FEB". Esta obra, de larguíssimo fôlego, fartamente ilustrada, descreve em minúcias tudo a respeito da Justiça Militar na FEB, tornando-se, destarte, imprescindível para a historiografia militar hodierna.

Tive o privilégio de ser o comandante de Companhia do ministro Dr. Péricles, no Curso de Infantaria do CPOR/SP, no ano de 1973 (o Ministro, por muitos anos, foi tenente R/2, em Lins-SP). Eram 105 jovens alunos que, ao depois, já oficiais da Reserva de 2ª classe, muito se distinguiram nas sociedades paulista, paulistana e nacional, entre eles, particularmente, o citado Ministro. Os que me conhecem, sabem de minha aversão por promoções pessoais, mas não poderia deixar de relatar as referências pessoais e elogiosas com que o Ministro me galardoou, no livro que escrevemos - "Jubileu de Ouro - Infantaria 1973-2023", quando do Cinquentenário da "Turma Centenário de Santos Dumont". Disse o ministro Péricles, aluno 199- Queiroz: "Tivemos o privilégio de contarmos com instrutores e monitores realmente dedicados, jovens oficiais instrutores do exato cumprimento de suas tarefas, e envolvidos em formar uma turma homogênea, coesa, forte. Destes foi expoente o capitão de Infantaria MANOEL SORIANO NETO, de inolvidável liderança, aguda inteligência, notável cultura geral; mais tarde, o renomado historiador que conhecemos, queridíssimo por todos, mas não temido.

Disciplinador, exigente com os estudos da Turma, dedicado ao treinamento físico, nos acompanhava de perto em todas as horas, sem abandonar o seu olhar fraterno, suas palavras encorajadoras de estímulo ao dever, seus gestos de nímia gentileza e educação para com todos nós. Conhecia todos pelo nome de guerra. Passados mais de 50 anos, conservamos a amizade, consideração e afeto ao nosso capitão Soriano, presente em muitas de nossas comemorações"..... Gratíssimo, Ministro Péricles e ardoroso Infante, meu aluno 199, Queiroz!!

A I Guerra Mundial (IGM), denominada de "A Grande Guerra"; "Guerra das Guerras"; "Guerra para acabar com todas as Guerras"; "Guerra de Trincheiras" e "Guerra de Posição", não atingiu aos objetivos que dela se esperava e que ocasionaria, 21 anos depois, a gigantesca hecatombe da II GM, com mais de 60 milhões de mortos... Foi uma guerra estática, sem grandes movimentos estratégicos, onde prevaleciam as metralhadoras, as longas trincheiras, o cimento armado e o arame farpado, tudo de forma defensiva, sem grandes brilhos militares para a milenar Arte da Guerra. (Outrossim, foi uma guerra macabra em que proliferaram graves infecções, como a peste dos piolhos e o 'pé-de-trincheira', ocasionando gangrenas e amputações). Daí a empolgação pela futura "Linha Maginot" (para a defesa da França e que foi contornada pelos alemães em sua primeira ofensiva). Cunhou-se, "ipso facto", a expressão "mentalidade Maginot", após a inexplicável e abrupta desavença entre diversas nações europeias. Após o conflito, o Brasil contratou uma operosa Missão Militar Francesa que integrou o nosso Exército por vinte anos (1919/1939).

Coronel Manoel Soriano Neto - Historiador Militar

#####

A SAGA DO BRIGADEIRO NERO MOURA

Ricardo Nácul - Empresário e Curador do Projeto Museu da Vitória Brig. Nero Moura.

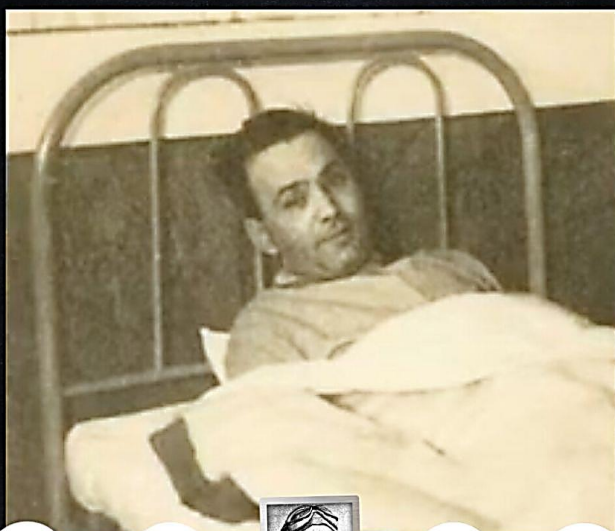


No sentido literal, o comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça “Senta a Púa!” já era, antes mesmo de chegar à Itália, um piloto calejado. Veterano da Revolução de 1932, participante das ações de 1935, com curso na França e experiência em translados de aeronaves dos Estados Unidos ao Brasil, Nero Moura acumulava não apenas horas de voo, mas maturidade operacional e visão internacional. Apesar da pouca idade — 33 anos quando assumiu o comando do Grupo — já havia sido instrutor-chefe, comandante de unidade aérea e oficial do gabinete do Ministro da Aeronáutica. Era, sem dúvida, um pioneiro e um líder natural.

A guerra, porém, lhe reservaria provas que testariam não apenas o comandante, mas o ser humano. Ainda na fase de preparação, perdeu um de seus melhores pilotos, Gastaldoni, no Panamá. Nos Estados Unidos, enfrentou o choque do suicídio do intendente Tenente Barcellos. Já na Itália, viu tombar, em sua primeira missão, um dos mais queridos entre os pilotos, o Tenente Cordeiro — que, dias antes, havia sido punido por Nero

após um rasante ousado sobre o acampamento para impressionar os americanos. Era o peso da responsabilidade recaindo diretamente sobre o líder.

“Ninguém é de ferro!”



Apesar de disciplinador, Nero Moura tinha um coração enorme. Ele mesmo falava que sempre que pediam algo para ele e sempre dizia “não”, para depois fazer de tudo para ajudar para virar um “sim”. Mas a sequência de perdas não dava trégua: morreu em acidente de treinamento o piloto Sapucaia; pouco depois, um novo acidente tirou a vida de Waldyr e também do Rittmeister. Parecia, como se dizia à época, que “a bruxa estava solta”.

Mesmo assim, ele seguiu em frente. Precisou lidar ainda com o preconceito de setores da USAF, que viam

aquela unidade sul-americana como azarada, e também com olhares invejosos no próprio Brasil, que não acreditavam no sucesso do Grupo de Caça. Mas Nero e seus comandados, resilientes, responderam como sabiam: realizando missão após missão com crescente competência, até consolidarem sua marca e, de fato, “Sentaram a Púa!”. Contudo, o preço da guerra não tardaria a ser cobrado. Pilotos passaram a ser abatidos, desaparecidos, feitos prisioneiros ou mortos em combate.

Em uma missão particularmente dolorosa, dois pilotos foram declarados MIA (missing in action): um deles era o experiente líder Joel Miranda; o outro, o próprio irmão mais novo do comandante, o Tenente Danilo Moura. Ali, o “mundo caiu”. Nero havia suportado pressões, perdas e adversidades quase sobre-humanas — mas, dessa vez, a dor “bateu na carne”.

Danilo fora visto caindo sem que ninguém observasse seu paraquedas abrir. A suspeita era devastadora: provavelmente havia morrido em ação. O homem, não o comandante, finalmente ruiu. Foi hospitalizado por alguns dias.

Logo após receber alta, voltou ao comando com a firmeza de sempre — e, pouco tempo depois, veio a notícia que mudou tudo: Danilo não apenas sobrevivera, como fizera uma verdadeira epopeia para retornar à base em Pisa. Um alívio imenso, seguido de emoção profunda.

Afinal, ninguém é de ferro.

Jamais serão esquecidos!!



Ao lado, Danilo, Nero e Osmar Moura, três irmãos na Europa durante a guerra. Gaúchos de Cachoeira do Sul, Danilo era oficial da reserva da FAB, Nero era oriundo do Exército e foi para FAB em 1941 e Osmar era da FEB e chegou ao posto de General de Divisão. Jamais serão esquecidos!



Brigadeiro Nero Moura, Ministro Da Aeronáutica

Mais informações sobre o Brigadeiro em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nero_Moura

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Coronel de Infantaria e Estado-Maior
Veterano, Presidente da
AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);
Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br; Site do NEE/CMS:
www.nee.cms.eb.mil.br;
Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de
Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>